

# social

CONTADORES DE HISTÓRIAS VOLUNTÁRIOS ALEGAM PACIENTES E CONTRIBUEM PARA ADEÇÃO AO TRATAMENTO

## Vozes terapêuticas

O tratamento contra um sarcoma de Ewing, tipo de tumor ósseo, não abalou o menino João, hoje com 4 anos. A partir de 1 ano e 9 meses de vida, o pequeno curitibano começou sua luta contra a doença, com internações frequentes. No entanto, sua estadia no Hospital Erasto Gaertner, na capital paranaense, teve também muitos momentos lúdicos, principalmente quando recebia a visita “das tias e dos tios dos livros”. O trabalho voluntário de contação de histórias realizado na unidade o ajudou a enfrentar não só os efeitos colaterais da quimio e da radioterapia, como também a doença em si.

“Durante um ano, era uma internação depois da outra. Ele ficava uma semana ou pouco mais em casa e precisava voltar”, lembra a mãe do menino, Sabrina Evelyn Pereira, de 23 anos. “Mas houve também muita diversão. João ficava ansioso antes do horário da visita dos contadores. Isso ajudou a lhe dar forças para aguentar o tratamento.” A criança teve alta em 2017 e hoje faz acompanhamento da doença.

Para a supervisora do Serviço de Psicologia do hospital, Iolanda de Assis Galvão, mais do que atenuar efeitos adversos do tratamento de doenças que exigem internações longas, atividades lúdicas como a contação de histórias propiciam a redução de traumas emocionais. “É ótimo reencontrar um ex-paciente do hospital e ouvir que tem boas



História Viva proporciona momentos lúdicos em cinco estados

lembranças do período. Além da cura, é importante fazer com que o tratamento deixe o mínimo possível de sequelas”, diz a psicóloga.

## DO SUL AO CENTRO-OESTE

Há mais de 20 anos, o Erasto Gaertner mantém parceria com o Instituto História Viva, ONG curitibana que desde 2015 se dedica a formar contadores. Roseli Bassi, que dirige a entidade, conta que seu primeiro paciente foi um enorme desafio. O menino que ela abordou nem sequer queria lhe dar atenção, preferindo, inicialmente, um brinquedo eletrônico. “Fiz uma abordagem especial: fiquei lendo um livro ao lado da cama por bastante tempo. Procurava dar ênfase e

“Crianças que recebem a visita frequente de um contador costumam ter mais disposição e sofrer menos com o tratamento. Com um quadro psicológico mais favorável, a quimioterapia se torna menos dolorosa”

**VALDIR CIMINO**, presidente da Associação Viva e Deixe Viver

emoção a alguns trechos. Aos poucos ele foi se desligando do teclado, até largá-lo e começar a prestar atenção à história”, conta. “Foi um marco para mim, pois mostrou que eu tinha vencido aquele desafio.”

O instituto tem hoje mais de 350 voluntários nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso. Roseli ressalta que o paciente oncológico realmente pode ter algumas peculiaridades que, na prática, tornam o relacionamento dele com o contador um tanto diferente. Como, em muitos casos, o período de internação é extenso, as visitas de parentes e amigos podem se tornar menos frequentes. Por isso, esse convívio com a contação de histórias se torna fundamental.

No entanto, é preciso ter cuidado para que o paciente não crie vínculo com o voluntário e, assim, não sofra quando as visitas acabarem. Uma medida nesse sentido é fazer rodízio entre os contadores, evitando que uma pessoa retorne várias vezes ao mesmo leito. Com isso, também se espera impedir que o problema de saúde e outras questões pessoais do doente, bem como um eventual óbito, provoquem abalos emocionais que comprometam a continuação do participante na atividade.

## PODER TRANSFORMADOR

Valdir Cimino preside a Associação Viva e Deixe Viver, uma rede de 1.300 voluntários em sete estados brasileiros que leva o encanto da contação de histórias a crianças. Formar esse contingente demorou: já são 21 anos capacitando pessoas que se candidatam à tarefa. Além de curso com 30 horas e processo de ambientação em hospital por

Foto: Ana Flávia



A contadora Vera Gracitelli é uma das 1.300 voluntárias da Viva e Deixe Viver

“Uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a conta e em quem a escuta, mudando seu estado de espírito e vida”

**DENISE DIAS DE CARVALHO SOUSA,**  
pesquisadora da Uneb

mais 18 horas, o voluntário precisa estar preparado para se dedicar à atividade e lidar com desafios emocionais. Segundo Cimino, quase metade dos candidatos não se enquadra no perfil e acaba abandonando o treinamento.

“Quem passa por esse preparatório e ingressa na associação adquire, de fato, um poder transformador. Crianças que recebem a visita frequente de um contador costumam ter mais disposição e sofrer menos com o tratamento. Com um quadro psicológico mais favorável, aumenta a adesão ao tratamento e à dieta, e a quimioterapia se torna menos dolorosa”, relata Cimino. “A criança participa do processo curativo.”

Ao longo de mais de duas décadas, a associação aprimorou seu *know-how* e contribuiu para introduzir novas formas de relacionamento dentro das unidades. Profissionais de saúde acabam se envolvendo nessa arte e passam a se comunicar melhor com os pacientes. Grande parte dos parentes

encontra, por meio dos projetos de leitura, sua primeira experiência com a literatura, pois muitos pais não têm o hábito de ler para os filhos. Esse aprendizado acaba se reproduzindo em casa após a alta.

Coordenadora do Instituto Rio de Histórias, Regina Porto explica que é importante saber escolher a narrativa certa. Casos que contenham situações tristes ou violentas, por exemplo, são evitados. Já quando a comida entra na ficção, pode ser um convite para que a criança se alimente bem. Os voluntários da associação carioca, presente em 22 hospitais, procuram também evitar que o momento lembre uma aula ou outra atividade de estudo. Regina diz que, na maioria das vezes, o grupo nem pergunta qual é a razão da internação. “Um dos motivos é que precisamos tirar o estigma em relação a doenças que podem levar à morte”, afirma.

## RESULTADOS COMPROVADOS

Vários estudos vêm atestando a eficácia da contação de histórias para a melhoria das condições psicológicas dos pacientes. Um deles, feito pelas pesquisadoras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) Mariana Pereira Sousa, Ana Rafaela do Nascimento e Hilda Mara Lopes Araújo, constatou uma série de avanços nas condições de crianças com câncer internadas no Hospital São Marcos, de Teresina. O programa, que incluía atividades pedagógicas, propiciou o “desenvolvimento das capacidades de interpretação e linguagem, estimulando a imaginação e a coordenação motora dos pacientes”, segundo relato das autoras no trabalho.

No Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, em Jacobina (BA), um grupo de alunos da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) se propôs a estudar a aplicação de técnicas de contação de histórias, sob a coordenação da pesquisadora Denise Dias de Carvalho Sousa. O resultado, publicado em tese de doutorado, revelou que “uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a conta e em quem a escuta, mudando seu estado de espírito e vida”.

Trabalho das pesquisadoras Claudia Mussa e Fani Eta Korn Malerbi, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), avaliou o impacto da contação de histórias no quadro de 15 crianças internadas com neoplasias malignas na Santa Casa de Misericórdia da capital paulista. Elas constataram que, apesar da gravidade da doença, dez dos casos apresentaram melhora no estado emocional dos pacientes. Também foi registrado que a maioria dos que tinham queixas de dores e mal-estar relatou diminuição do incômodo após a visita dos contadores. ■



Foto: Divulgação

Rio de Histórias:  
contra estigmas